

**A POESIA DE MANOEL DE ANDRADE: UM CANTO DE AMOR E
LIBERDADE NA AMÉRICA LATINA.**

Suely Reis Pinheiro

“*Ai, América, que longo caminhar!*” Através deste verso que inicia o instigante poema *Canção de amor à América*, fiz o primeiro contato com o poeta Manoel de Andrade, nos idos de 80.

Hoje, quando se levantam, abertamente, questões sobre os desaparecidos e os torturados do tempo do regime militar e ainda com a triste lembrança dos horrores de uma ditadura que me atingira, na figura paterna, evidencio um combatente da palavra cuja obra, difundida na América Latina e pouco conhecida no Brasil, nos chega agora, depois de um hiato de 40 anos,

Nossa história literária com o poeta começava há mais de 20 anos quando epigrafei com os versos do transgressor poeta minha dissertação de mestrado, intitulada *Garabombo: um pícaro politizado*, baseada no romance do escritor peruano Manuel Scorza, *Garabombo, el invisible*. O poema em questão, *Canção de Amor à América*, mostra o arcabouço poético da obra de Manoel de Andrade, um sonho libertário, em seu *largo caminhar* por uma América Latina incendiada de ideais.

Mas, afinal quem é Manoel de Andrade? E por que merece, ele, estar neste dossiê que fala do Intelectual latino-americano de hoje e de ontem. Manoel de Andrade nasceu em Rio Negrinho, em Santa Catarina. Na juventude radicou-se em Curitiba, formando-se em Direito. Procurado pela Ditadura pela panfletagem dos seus poemas fugiu do Brasil em 69. Percorreu 17 países da América, dizendo seus versos, dando palestras e promovendo debates sobre a importância política da arte e da literatura. Expulso da Bolívia em 69, preso e expulso do Peru e da Colômbia em 70, teve seu primeiro livro, *Poemas para la libertad*, publicado em La Paz, nesse mesmo ano e reeditado na Colômbia,

EE.UU. e Equador. Publicou também *Canción de amor a la América y otros poemas*, em 71, em El Salvador. Com Mário Benedetti, Juan Gelman, Jaime Sabines e outros grandes poetas do Continente, participou da importante coletânea *Poesía Latinoamericana – Antología Bilingüe*, em 1998 e da antologia *Próximas Palavras* em 2002. Seu último livro, *Cantares*, foi publicado em 2007 e *Poemas para a liberdade* foi finalmente editado no Brasil em 2009, em edição bilíngüe.

Em entrevista a Julio Daio Borges, em site publicado em Internet, fala o poeta:

A América Latina foi minha grande universidade. Com meus versos na garganta, muitos percalços e alegrias pelos caminhos, preso e expulso de alguns países, mas avançando sempre rumo ao norte, meus poemas atravessaram o continente, cruzaram o Rio Bravo e foram cantar a justiça e a liberdade nas próprias entranhas do “monstro” imperialista. Ecoaram na Califórnia de 40 anos atrás, para dizer da saga revolucionária latino-americana aos nossos irmãos chicanos, cuja latinidade, maculada pelo esbulho da própria pátria mexicana, buscava forças em suas raízes para lutar contra a discriminação, as humilhações e as injustiças após 150 anos de genocídio cultural, com a anexação, em 1848, do Novo México, Arizona, Califórnia, Utah, Nevada e Colorado ao território estadunidense. Por outro lado, não creio que hoje se possa experimentar uma acolhida tão solidária como aquela fraternidade ideológica que envolveu a América Latina nos anos 70. A Revolução Cubana acendeu uma fogueira que iluminou a tantos e nos sulcos das suas trincheiras muitos nos alinhamos, segurando o mesmo estandarte. O mundo mudou e hoje eu não cantaria mais a mudança do mundo com as armas na mão. O muro de Berlim se despedaçou sobre nossos sonhos. A Rússia centralizou sua “democracia” e a China negociou o socialismo com o “Capitalismo de Estado”. É triste dizer que, hoje, não temos mais uma utopia.

Exilado da pátria, viandante incansável e expulso de tantas fronteiras, como vimos, o poeta traz à luz uma poesia que revela a triste história política e social do seu tempo. A beleza e a pujança dos seus versos se mostram no dialogo com um texto que identifica não só o Brasil, como também povos vizinhos e irmãos, já que escreveu para toda a América Latina:

Ai América,
que longo caminhar!

Agora venho cantar-te
e meu canto é como o dia e como a água
para que me entenda sobretudo o homem humilde.
Agora venho cantar-te
mas em teu nome, América,
eu só posso cantar com a voz que denuncia.

Eu não venho cantar o esplendor de Machu Picchu
a Grande Cordilheira e a neve eterna;
não venho cantar esta América de vulcões e arquipélagos
esta América altiplânica da lhama esbelta e da vicunha;
venho em nome de uma América parda, branca e negra,
e desde Arauco a Yucatán,
venho em nome desta América indígena agonizante,
venho sobretudo em nome de uma América proletária
em nome do cobre e do estanho ensangüentado.

Ai América,
que longo caminhar!

Eu venho falar do camponês
de sua pele seca e sua cor de bronze,
de sua túnica desbotada e o seu colchão de terra,
de sua resignação e o seu misterioso silêncio,
de seu grito incontido que em alguma parte se levanta,
de sua fome saciada com o sangue dos massacres.

Eu não venho falar do encanto colonial destas cidades,
dos altares espanhóis recobertos com o ouro incaico,

das grandes praças onde se erguem as estátuas magníficas dos
libertadores;
venho falar de favelas, barriadas e tugúrios,
de povoações calhampas e vilas-misérias,
eu venho falar da tuberculose e do frio,
venho em nome dos meninos sem pão e chocolates.

Eu venho falar por toda voz que se levanta,
por uma geração reprimida com fuzis,
venho falar das universidades fechadas
e com a marca das tiranias encravada nas paredes.

Eu venho denunciar falsas revoluções
e o oportuno pacifismo,
venho falar de um tempo de desterros e torturas,
eu venho alertar sobre um terror que cresce uniformado
e sobre estes anos em que cada promessa de paz é uma mentira.

Oh caminhar, caminhar...
e saber sentir-se um caminhante...
pois é tão triste morrer a cada dia
morrer com os punhos abertos e o coração vazio.
Morrer distante do homem e sua esperança
morrer indiferente ao mundo que morre
morrer sempre
quando a vida é um gesto de amor desesperado.

Fui prisioneiro,
mas outra vez sou pássaro,
outra vez um caminhante,
e volto a abrir a alma com meu canto.

Hoje me detenho aqui...
levanto minha voz,
minha bandeira de sonhos,
minha fé.
Recolho meu testemunho e me vou.

Eu sou o jogral maldito
e bem amado.
Meu canto é um grito de combate
e eu não canto por cantar.
Eu parto deixando sempre uma inquietude,
deixando numa senha a certeza de uma aurora.

Eu sou o cantor clandestino e fugitivo,
aquele que ama a solidão imensa dos caminhos.
Passo despercebido de cidade em cidade.
Em algum lugar público eu vou dizer meus versos
e ali conheço amigos e inimigos.
Mas sempre pude encontrar ao grande companheiro,
ao homem novo,
aquele que traz a face da esperança,
aquele que se aproxima em silêncio

e com um gesto inconfundível me saúda.

Ai América,
que longo caminhar!

Eu venho amada América,
para iluminar com meu canto este caminho.
Te trago meu sonho imenso, latino e americano
e meu coração descalço e peregrino.
Mas quando sinto meu sangue escorrendo-se nos anos
e que a vida se me acabe antes de ver-te amanhecida;
quando penso que é muito pouco, amada minha,
o que eu posso dar-te em um poema;
ai, quando penso nestas flores de sangue que murcharam,
nestes iluminados corpos que tombaram,
e que ainda não pude fazer por ti quanto quisera;
ai, se com o tempo eu descobrir
que este lírico fuzil que empunho não dispara,
ai América...
quem dirá que a intenção que tive foi sincera.

No texto *El cantor peregrino de América*, publicado em Palavrastodaspalavras, o professor e escritor peruano Enrique Rosas Paravicino assim se posiciona sobre o poeta, com sua opinião abalizada

Extraño caso el de este poeta. Adquirir el prestigio de la voz no en su patria natal, sino en el exilio y en el rumor de las multitudes sin voz de América. Él encarna esa ansia de liberación, la necesidad de romper los grilletes que atan al hombre a la enajenación, la miseria y a la marginalidad. El prestigio de su poética viene, esencialmente, de su identificación con la causa de los expoliados, de los que teniendo memoria han sido privados de futuro, de aquellos que con su duro trabajo cotidiano forjan las riquezas ajenas y acrecientan el poder opresivo de los pocos. Esta tesitura verbal se sustenta en certezas cotidianas y palpables, no así en abstracciones metafísicas decimonónicas; es una poesía que denuncia y alega, a la vez que afirma y remarca convicciones de lucha, en un tiempo en que pareciera decaer la fe en los valores supremos de la humanidad. En fin, es una poesía que debemos hacerla nuestra, porque nos representa como discurso y como demanda, porque todos estamos

inmersos en su reclamo fidedigno y en la promesa que conlleva: la llegada de un amanecer que sea, necesariamente, el inicio de una historia de plenitud para nuestros pueblos. Gracias, Manoel de Andrade, por resemantizar, con notable solvencia de voz, la memoria social de América.

A estrutura da grande dicotomia que vem dominando a sociedade durante varias gerações, separando opressores e oprimidos, acaba por modificar o comportamento social que adquire um caráter de anomia que, segundo estudo de Robert Merton, *Estrutura Social e Anomia* (MERTON, 1968), pode ser definida como a ausência de normas de comportamento em uma sociedade instável. A reação dos indivíduos que vivem nesse contexto cultural, segundo Merton, obedece a cinco tipos de adaptação à estrutura social: a conformidade, a inovação, o ritualismo, o retraimento e a rebelião.

Com base nos estudos de Merton, nos deparamos com a trajetória poética de Manoel de Andrade, que anomicamente transita por diversa tipologia social, enquanto poeta que não se ritualiza, nem se retrai e, sim, desliza pela inovação comportamental.

Manoel rejeita os valores predominantes que antes o inseriram na conformidade quando cantou os amigos, os poetas, deu recado à mulher amada, à recém-nascida, fez saudação a Che Guevara e passa a ser o cantor clandestino, fugitivo para não ver morrer a sua utopia e sobreviver com suas cicatrizes, incorruptíveis na dor e no silêncio, citando o próprio autor.

Seu amor à América ficou denunciado no seu canto de sonho imenso latino e americano, em nome dos perseguidos e caídos por ditaduras militares. Este é o cenário de sua *Canção para os homens sem face*:

Não canto minha dor...

dor de um só homem não é dor que se proclame.
Canto a dor dos homens sem face
canto os que tombaram crivados
os homens escondidos
os que conheceram a nostalgia do exílio
para os encarcerados.
Canto aos párias da vida...
aos bêbados, aos vagabundos e aos toxicômanos.

Canto as prostitutas
e as mulheres que foram embora com o homem amado.

Canto a vergonha de ser brasileiro num tempo defecado
canto meu povo
e se ainda não canto meu país,
é porque não sei cantar na presença de homens indecentes;
eu canto sobretudo para aqueles que preservaram seu sonho,
para os que ousaram lutar e morrer por ele,
canto a memória de um guerrilheiro argentino.

Ah, que tempos são esses!?

.....

Ah, meus versos,
meus versos que não são meus,
que são de todos os homens e de todas as mulheres que eu canto;
que são de todos os que se aproximam de mim
e que falam comigo.
Meus versos que afinal nunca serão de ninguém,
caminhando pela terrível solidão branca do papel,
pelo itinerário clandestino das gavetas;
estampados nas palavras escarlates da minha revolta pública,
impressos no meu olhar solitário de samurai.

Eu canto para todos os homens
contudo, neste tempo,
eu canto para os homens sem face...
aqueles que se perdem na multidão das grandes cidades,
e que amadurecem, a cada dia,
os punhos para a luta.

Desta forma, é no processo de construção da sedutora linguagem é que se observa no poeta uma tensão rumo ao novo espaço da anomia na categoria de rebelião. De acordo com Merton, a rebelião rejeita os valores predominantes e propõe sua substituição por novos valores em relação às metas culturais e os meios institucionalizados.

Sua poesia política, carregada de emoção, remete a uma saga literária original, que cruzou as fronteiras latino-americanas. Nasce, então, um doloroso gesto de despedida e, ao mesmo tempo, iluminado pelo brilho da esperança com o poema *Véspera*:

Quatorze de março
mil novecentos e sessenta e nove.
É preciso...
é imprescindível denunciar o compasso ameaçador destas horas,
descrever esta porta estreita que atravesso,
esta noite que me escorre numa ampulheta de pressentimentos.

Um desespero impessoal e sinistro paira sobre as horas...
O ano se curva sob um tempo que me esmaga
porque esmaga a pátria inteira...

Nossas canções silenciadas
nossos sonhos escondidos
nossas vidas patrulhadas
nossos punhos algemados
nossas almas devassadas.

Pelos ecos rastreados dos meus versos
chegam os pretorianos do regime.

Alguém já foi detido, interrogado, ameaçado
e por isso é necessário antecipar a madrugada.

E eis porque esse canto já nasce amordaçado
porque surge no limiar do pânico.
Meu testemunho é hoje um grito clandestino
meus versos não conhecem a luz da liberdade
nascem iluminados pelo archote da esperança
para se esconderem na silenciosa penumbra das gavetas.

Escrevo numa página velada pelo tempo
e num distante amanhecer
é que o meu canto irá florescer.

Escrevo num horizonte longínquo e libertário
e num tempo a ser anunciado pelo hino dos sobreviventes.
Escrevo para um dia em que os crimes destes anos puderem ser contados
para o dia em que o banco dos réus estiver ocupado pelos torturadores

Contudo, nesta hora, neste agora
o tempo se reparte pra quem parte
e um coração se parte nos corações que ficam...
O amanhecer caminha para desterrar os nossos gestos
para separar nossas mãos e nossos olhos
e nesta eternidade para pressentir o que me espera
já não há mais tempo para dizer quanto quisera.

Tudo é uma amarga despedida nesta longa madrugada
e neste descompassado palpitar,
contemplo meus livros perfilados de tristeza
retratos silenciosos de tantas utopias,
bússolas, faróis, retalhos da beleza.
Aceno a Cervantes, a Lorca, a Maiakovski
mas só Whitman seguirá comigo
nas suas páginas de relva
e no seu canto democrático.
Contemplo ainda os pedaços do meu mundo
nos amigos do penúltimo momento
nas lágrimas de um benquerer
na infância de minha filha
e nesse beijo de adeus em sua inocência adormecida.

Nesta agonia...
neste abismo de incertezas...
abre-se o itinerário clandestino dos meus passos.
De todos os caminhos
resta-me uma rota de fuga, outras fronteiras e um destino.
Das trincheiras escavadas e dos meus sonhos,
restou uma bandeira escondida no sacrário da alma
e no coração...
um passaporte chamado... **liberdade.**

Tal rebelião anômica atinge autor e leitor e se estabelece através da função pragmática que permite a concretização do processo da comunicação, uma vez que o emissor-poeta e o destinatário-leitor recuperam, igualmente, a memória do passado histórico da negra ditadura.

Em seu périplo peregrino, mapeando a América latina, torna-se um "renegado político". Seu caminhar foi longo, mas a "bandeira desfraldada ao longo do continente, quando a América era uma só trincheira", anunciava já o sopro da liberdade que nunca se apagou na voz do revolucionário trovador:

Bandeira mutilada
onde enrolaste um coração de pássaro.
Se foi para abafar o canto
e a voz de um povo,
pois que se faça amiga da revolta.

Liberdade
é o teu nome
e toada dos companheiros em marcha.

Depois foste minha rebelde bandeira
e a mágica certeza na adolescência do meu ser.
Tu me trouxeste a paixão e a fantasia
e aquele sonho imenso de ser marinheiro um dia.

Mais tarde
a história me mostrou que era ainda maior tua beleza,
e me ensinou a escrever teu nome
na saga gloriosa de Espártaco,
no martírio heróico de Tupac Amaru e de Caupolican
e no exemplo imperecível dos Inconfidentes.

E assim... de busca em busca,
na biografia dos heróis,
pelas páginas da poesia
e pela verve da eloquência,
tu te abriste, dia a dia, como uma rosa no meu peito...
e depois, quando a pátria cavou suas trincheiras,
como um corcel de luz,
ressurgiste na aldeia de minh'alma,
com teu galope indomável
tua resistência
teu rastro clandestino
e me trouxeste tuas cicatrizes
tuas amarras rompidas
e o teu sonho inabalável.

E desde então marcho nos teus passos...
e éramos dez, éramos cem, éramos mil...
e eras então o ar com que respiravam os ideais de um povo inteiro...
e no coração do nordestino eras a esperança do pão,
da água e da terra repartida.
Eras tu que no sul comandavas a greve,
o comício e a passeata...
cantávamos contigo a canção popular...
eras tu que inspiravas a arte, o teatro e a poesia...
tu eras em toda a nação a véspera de um amanhecer inadiável.

Liberdade, liberdade...
um pedaço de ti sobrevive aqui,
na intimidade e no lirismo do meu canto.
Em alguma parte da América,
por essas terras e montes,
apesar dos meus pesares,
cantam os rios e cantam as fontes...
mas eu canto a negra angústia
por teu sangue...liberdade

na minha pátria ferida.
E aqui, à beira desse longo caminhar...
aqui onde por ti caíram Hidalgo, Morelos e Zapata,
daqui convoco meu povo emudecido
para recompor teu semblante massacrado.

Na imorredoura certeza do amanhã
renascerás como raiz ardente;
e no seio de uma primavera palpitante
tu crescerás como uma árvore de beijos
para seduzir os homens, as aves e as estrelas...
e, flor da insurreição
irás desabrochar no retalhado coração dos oprimidos.

Liberdade, liberdade...
lâmpada do abismo, estandarte de luz,
melodia do vento na rota das aves peregrinas,
barca misteriosa do destino
a singrar... sempre a singrar
formosa e impassível em busca do amanhecer.

Liberdade, liberdade...
Tu és o tribunal na consciência dos tiranos
dos oprimidos és o baluarte e a véspera da vitória.
O sonho americano de Bolívar foi escrito com teu nome,
porque tu és a fonte, o cântaro, a água que embriaga,
sede perene da alma, da vida tu és a dádiva suprema.
Foste a tribuna dos abolicionistas
e assinaste a glória da pátria com a mão de uma princesa
és o hino dos militantes, o cântico triunfal, delírio
bandeira dos Inconfidentes, ainda que tardia
liberdade, ó liberdade
meu único amor
meu peito de viola te entoa enamorado.

Liberdade... ó liberdade...
hoje somos apenas os guardiões de um sonho
os que sustentamos em tantas pátrias a bandeira da bravura
hoje somos os guerreiros do silêncio
para que teu hino possa ser entoado com alegria pelos filhos do amanhã.

Hoje, Manoel de Andrade se firma como poeta da Resistência, no compromisso de resgate, de acusação, de testemunho e de esperança. Transformando política em poesia, sua narrativa poética resistiu e desafiou as imposições do regime militar. Nos seus versos confluem questões que

desembocam no político, no social, no cultural, na justiça social, na fraternidade, no homem alijado da sua sociedade, denunciando e dessacralizando os símbolos impostos pela ditadura.

Por fim, resta-me dizer que este texto teve por objetivo dar visibilidade e discutir o poeta Manoel de Andrade que sabe, com sua arrebatada e vigorosa poesia, não só seduzir, mas também, incitar o leitor a ouvir, com seu legado poético, o clamor de várias vozes da América.

Ai América, que longo caminhar!



Professoras Suely Reis, Rita Diogo, Ana Cristina dos Santos e o poeta Manoel de Andrade



O poeta Manoel de Andrade com o escritor peruano Enrique Rosas Paravicino

Bibliografia

ANDRADE, Manoel de. *Poemas para a Liberdade*. São Paulo: Escrituras Editora, 2009.

_____. *Cantares*. São Paulo: Editora Escritura, 2008.

BORGES, Julio, Daio. *A poesia de Manoel de Andrade e seus laços com a América Latina*. Disponível em <http://www.portalvermelho.org.br>

PARAVICINO, Enrique Rosas. *El cantor peregrino de América*. Disponível em <http://palavrastodaspalavras.wordpress.com>

FONSECA, Denise Pini Rosalém da. *Resistência e Inclusão: história, cultura e cidadania afro-descendente*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003.

PERROT, Michelle. *Os Excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988.

MERTON, Robert K. Estrutura Social e Anomia. In: _____ *Sociologia; teoria e estrutura*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.